

Divulgação



Moradora da favela Vila Parque da Cidade, na Gávea (Zona Sul do Rio de Janeiro), Carla Daniela Santana é uma das entrevistadas pela equipe de Eduardo Coutinho em Santo Forte

A FÉ QUE MOVE O MORRO

MORADORES DE FAVELA CARIOCA FALAM SOBRE RELIGIÃO NO FILME DE EDUARDO COUTINHO

Klecius Henrique
Da equipe do **Correio**

Católico pela colonização, híbrido por opção. É o Brasil do longa-metragem *Santo Forte*, de Eduardo Coutinho. Com a Margarida de Prata 1999 e o Prêmio Especial do Júri do Festival de Gramado, o documentário será exibido hoje no Cine Brasília, como o penúltimo filme da mostra competitiva do 32º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Santo Forte é documentário puro. Em cena, equipe de cinema sobe a favela Vila Parque da Cidade, localizada na Gávea (zona sul do Rio) para descobrir por qual santo (ou religião) o brasileiro tem predileção. No morro, percebe-se que a resposta não é fácil.

Nos depoimentos, gente simples como o aposentado Braulino da Silva e a dançarina Carla Daniel Santana, moradores da Vila Parque da Cidade, revela: o Brasil é católico nas estatísticas do Instituto Brasileiro de Geo-

grafia e Estatísticas (IBGE) mas está longe de ser a "una-nimidade" registrada pelo Censo de 1991, que indicava que 122,4 milhões dos 146,8 milhões de habitantes são católicos.

"Não diria que o Brasil é o país do sincretismo religioso. Prefiro chamar o que há no país de hibridismo. Nosso povo é especialmente híbrido. A miscigenação racial, que é muito grande, provocou também miscigenação cultural", argumenta o diretor de *Cabra Marcado Para Morrer*.

Talvez por isso, brasileiros como Vera Santos e Alexander Navarro perambulam entre religiões. "Nasci dentro do espiritismo. Por isso, minha primeira opção foi a umbanda. Fui para Universal e sai porque tive uma aborrecimento", conta Vera Santos às câmeras de Eduardo Coutinho. Hoje, Vera, que também já frequentou o espiritismo kardecista, "faz visitas" à várias igrejas.

Se há o tal hibridismo, por que o brasileiro tem o hábito de se

definir como católico? Coutinho diz haver várias razões. A mais forte seria a dominação. O Brasil foi colonizado por Portugal, país católico numa época que a Igreja era bastante poderosa. Por isso, dificilmente o país escaparia da religião da Corte.

PESQUISA

Em *Santo Forte*, Coutinho não faz discurso sobre religiões ou crenças. A voz do filme é a dos moradores da Vila Parque da Cidade. Eles falam, justificam-se quanto as opções. A favela foi escolhida por ter sido foco da pesquisa da antropóloga Patrícia Birman e Patrícia Guimarães, que inspirou o longa. A pesquisa foi vista quando Coutinho escrevia roteiros para série de televisão que não vingou.

"O lugar não poderia ser melhor. A Vila Parque da Cidade, que é próximo da Rocinha, é pequena e não tem tráfico. Isso permitiu que andássemos para cima e para baixo com as câmeras e que filmássemos o que eu realmente queria", diz o diretor

de *Fio da Memória*, que fez questão de pagar (e mostrar na fita) aos entrevistados de *Santo Forte*. "Há uma negociação, mas nenhum documentário nunca mostrou isso, o que é um absurdo".

A rodagem de *Santo Forte* começou em outubro de 1997 e acabou na véspera do Natal do mesmo ano. No dia 5, Coutinho e equipe aproveitaram a missa do papa João Paulo II no Rio de Janeiro para registrar o "hibridismo" percebido pelo documentarista, cujo aposentado Braulino da Silva resume. Ele gravou em vídeo a missa do papa aos mesmo tempo que falava da experiência com pais de santo. "Há um conflito de santos. Daí, o título *Santo Forte*. Deus está sempre ocioso", diz Coutinho.

Gravado em betacam analógico e cinescópico em 35mm, *Santo Forte* custou R\$ 300 mil. Foi produzido pelo Centro de Criação de Imagem Popular — Cecip, com apoio da RioFilme. "É o primeiro filme produzido por uma Organização Não-Go-

vernamental no Brasil", orgulha-se Coutinho.

Santo Forte representa ainda a desistência do diretor pelo uso da película para captação das imagens. "Cada um tem seu caminho. O meu é o documentário barato. Vídeo é mais barato. Permite filmar sem cortar muito tempo. Há poucas interferências. Em 1991, em *O Fio da Memória*, tive terríveis problemas. O negativo acabava logo, era caro. Não filmo mais em cinema (película)", diz.

Quando o assunto é a própria religião, Coutinho desconversa. "Posso dizer que tive formação católica, não pratico nenhuma religião e me interesse por todas na medida que são religiões que têm força no Brasil".

SERVIÇO

SANTO FORTE
Direção: Eduardo Coutinho. Em exibição, no Cine Brasília, depois das curtas De Janela Para o Cinema, de Quia Rodrigues, O Oitavo Selo, Tomás Enrique Creus, a partir das 19h30. Ingressos: R\$ 6,00 e R\$ 3,00 (estudante).